



Cirandar 2017

## **Gênero e Sexualidade na Escola, uma equação: questionamento + reflexão = produção escrita**

Luciane Botelho Martins<sup>1</sup>

*“Descobri que a leitura é uma forma  
servil de sonhar. Se tenho de sonhar,  
porque não sonhar os meus próprios  
sonhos?”- Fernando Pessoa.*

Início este relato com o pensamento de Fernando Pessoa, o mesmo que foi escrito na minha carta de intenção para participar da edição 2017 de Cirandar. A escolha por esse pensamento se dá porque ele me afeta duplamente. Primeiro, por tratar-se do tema sobre o qual discorre este relato e segundo, por instigar uma reflexão sobre a possibilidade de sonhar os próprios sonhos. Gostaria de aqui registrar que “sonhar” é o combustível que possibilita-me viver. Meus sonhos? Uma sociedade justa para todos; uma sociedade em que homens e mulheres não precisem mais medir forças, mas que possam conviver com respeito e igualdade; um mundo no qual a violência como “coisa do passado” dê lugar ao diálogo e acordos em prol do bem comum; enfim, sonho com uma educação que toque intimamente cada educando, fazendo-o perceber o quanto é importante na construção da sociedade ideal.

Meu tema? Gênero e sexualidade! Meu interesse por esse tema surgiu há algum tempo, não sei precisar. Sei apenas que sempre me incomodou presenciar práticas de segregação na escola e na vida. Entre essas práticas cito algumas, muito simples, porém naturalizadas, e difíceis de romper com intervenções simples: fila de meninos X fila de meninas; meninas na frente, meninos atrás; meninas jogam vôlei, pulam corda deste lado, meninos jogam futebol daquele; entre outras tantas que aqui deixo de enumerar.

Minha inquietação só aumentou quando percebi que as práticas que eu presenciava na escola eram apenas a ponta do iceberg, pois casos de violência doméstica sofridas por alunos e mães de alunos são muito mais frequentes na comunidade do que se possa imaginar. Ao pensar sobre essas questões vi-me diante do desafio de propor algo. E assim nasceu o desejo de participar do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG. Minha inscrição foi aceita e a partir daí, dei início a um trabalho que caracterizo como trabalho de enfrentamento às desigualdades sociais.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela UCPel, possui dupla licenciatura (Letras Português/Inglês e Pedagogia, ambas pela FURG), atualmente é doutorada do Programa de Pós-Graduação em Letras/UCPel, é membro do Laboratório de Estudos em Análise do Discurso LEAD/UCPel, além de professora de 5º ano do Ensino Fundamental na escola Bento Gonçalves - Rio Grande e professora substituta na UFPel, onde ministra as disciplinas: Linguística geral, Produção da Leitura e da Escrita II e Língua Portuguesa: perspectiva estilística, nos cursos de Licenciatura em Letras.

Certa do meu papel de “educadora” e “pesquisadora”, apresento alguns passos do Projeto que está em andamento nas turmas de 5º ano (51 e 52), onde atuo como professora das disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia e Arte, na escola Bento Gonçalves/Rio Grande.

Ao assumir as turmas, logo nos primeiros dias de aula, percebi um vocabulário machista e preconceituoso, vocabulário esse utilizado entre meninos e meninas e entre as próprias meninas. Soma-se a esse fato, ainda, o caso de uma aluna de 14 anos, que na época abandonou a escola por estar grávida de um “rapaz” de 38 anos. Casos como esse são cada vez mais frequentes na comunidade. E assim, ao solicitar algumas escritas em aula ou até mesmo ao verificar as tarefas, percebi também, que os alunos deixavam escapar angústias como discussões, brigas e violência em casa.

A partir dessa realidade veio o desafio: Como desenvolver a reflexão crítica dos alunos sobre esses acontecimentos? Como tornar as aulas prazerosas, visto que diante de tantos problemas as crianças vão para a escola por obrigação?

Movida por essas perguntas surge o projeto *Sonhos & medos – O que guardo na bolsa amarela?* A inspiração para o trabalho veio da obra *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga. A obra trata de uma menina – Raquel – que por ser a caçula, é impedida de fazer muitas coisas. Ela tem vontades que lhe são negadas por ser menina, daí o primeiro conflito da protagonista, o desejo de ter nascido menino. A obra possibilita uma série de reflexões sobre as convenções impostas socialmente do que é ser menino e o que é ser menina. De acordo com Beauvoir “é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (1967, p.9). Dada a definição da autora, podemos perceber que identidade e gênero são construções sociais a serviço da estabilização de padrões que determinam lugares hierárquicos para os sujeitos, ou seja, o sujeito ou é homem ou é mulher. É pois, nessa bipolaridade que se constroem os discursos da exclusão, pois, se o sujeito não cabe nas categorias sócio ideologicamente determinadas (ou é homem ou é mulher) é visto como aberração, conforme coloca Butler (2015).



O “carro chefe” do projeto são os diários, cada um dos 50 alunos tem a sua bolsa amarela e o seu diário (cadernos cujas capas foram personalizadas, em sala de aula, por cada aluno). No diário são registrados textos produzidos pelos alunos a partir de problematizações que surgem das obras literárias trabalhadas em sala de aula. Questões levantadas nas obras são discutidas e relacionadas às questões do bairro e da cidade. Trata-se de um movimento reflexivo: ficção & realidade; realidade de outros países & realidade brasileira. Começamos esse trabalho em abril de 2017 e já estamos no sétimo livro, conforme podemos observar na ilustração ao lado. Trabalhamos com “Malala, a menina que queria ir para a escola”, “Malala, uma menina muito corajosa”, “Iqbal, um menino muito corajoso”, “A bolsa amarela”, “Eugênia e os robôs”, “Chapeuzinho esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial”, atualmente estamos trabalhando com “Coisas de menino” e o próximo será “Pinóquio”.

Além do trabalho de escrita nos diários, produzimos: pipas (símbolos de liberdade – figura ilustrada por Iqbal nos tapetes que produzia no Paquistão); acrósticos sobre as qualidades de Malala; discursos orais reivindicando melhores condições físicas para todos estudarem; robôs de sucata (uma representação da tecnologia que por vezes desumaniza as pessoas afastando-as de seu verdadeiro círculo de amigos); poemas que visam valorizar o meio em que vivem, enfim, então sendo tantas as atividades que algumas até esqueço-me de mencionar. O projeto ainda está em andamento e encerra-se juntamente com o ano letivo – dezembro/2017.

Percebo que o trabalho já vem apresentando algumas mudanças, pois a turma não divide mais a fila, todos compõem uma única fila para o deslocamento até o refeitório ou passeios dirigidos (meninos e meninas se misturam); os trabalhos em grupos são formados de forma mista desnaturalizando aqueles dizeres de que a formação de grupos (da Luluzinha e do Bolinha) faz parte do desenvolvimento infantil.

Passo agora para o relato de algumas situações que me tocaram de forma singular.



As imagens acima mostram os estudantes com seus diários no processo de escrita. É válido registrar que os diários ficam guardados na sala de aula e só podem ser lidos por mim, se assim o/a estudante desejar. Trabalhamos com o respeito e a confiança na prática. São raras às vezes em que os/as estudantes pedem segredo, mas a situação já aconteceu. Outras vezes, aconteceu o contrário, estudantes pediam para ler seus textos em voz alta para que os/as colegas apreciassem seu(s) texto(s), um momento riquíssimo de aprendizagem.



*Vitor & Ana*

Outro movimento do nosso projeto são as personagens Ana e Vitor. Os bonecos surgiram da necessidade de se discutir, também, as questões de raça. Então, a direção da escola contribuiu com a aquisição dos bonecos. E eu entrei com a proposta. Segundo a mesma lógica da escrita de diários, construí um diário para cada personagem e uma bolsa. Na bolsa, além da personagem e do diário vão caneta e um livro de história para ser lido pelo(a) estudante durante o dia em que a personagem estiver em sua casa. No diário, cada estudante registra como foi/é passar um dia com a personagem. Trata-se de um diário de escrita coletiva.



É importante salientar que a primeira página do diário da Ana e do Vítor tem uma apresentação do projeto e da personagem, para que as famílias acompanhem o trabalho. Deixo aqui registrado que a construção das personagens foi feita pelas turmas. Cada turma adotou uma personagem. A turma 51 adotou o Vítor, nome escolhido pela turma e a turma 52 adotou a Ana. As ideias dos alunos foram organizadas por mim e resultaram nos textos dispostos acima.

**Pá.**  
 Tu sou a **Ana**. Meu nome foi escolhido pela turma 52. Tenho dois anos. Sou alegre, um pouco travessa. Adoro jogar futebol, passear e participar da rotina diária das crianças que assim como eu têm muitos sonhos.  
 Ainda não sei o que vou ser quando crescer, só sei que quero ser feliz, quero ter muitos amigos, ser querida e muito lembrada por todos.  
 Hoje, estou na sua casa para te conhecer melhor e dividir contigo minhas alegrias. Adoro histórias, principalmente aquelas que contam menagens que pregam o respeito e o amor entre as pessoas.  
 Sabe de uma coisa... Nosso mundo está muito conturbado, as pessoas brigam por qualquer coisa, fazem guerras, cometem injustiças, julgam uns aos outros e não sabem o sentido da tolerância. Você sabe o que é tolerância?  
 Tolerância é aceitar as diferenças, algo tão simples, mas tão difícil de ver hoje em dia! Pense comigo: somos diferentes; nosso corpo é diferente; nossos cabelos são diferentes; nossa cor é diferente; gostamos de coisas diferentes e assim por diante. O fato é que isso não é justificativa para nos tratarmos de forma diferente, pois somos todos humanos, somos todas crianças e por isso devemos tratar os outros da mesma forma que gostaríamos de ser tratados. Enfim... estou aqui para te visitar e compartilhar contigo, bons momentos e algumas experiências.  
 Ah! Esqueci-me de dizer que gosto de receber carinho e a principal forma de carinho é que dá uma história para mim e registre no meu diário, como foi a experiência de cuidar de mim!  
 Estou ansiosa para saber o que você pensa!  
 Não se esqueça de colocar data e assinar seu registro!  
 Se quiser, pode colocar uma foto sua comigo, ou produzir um desenho para ilustrar esse momento tão especial.  
 Obrigada por me receber com tanto carinho!  
 Beijinhos, Ana.

**Oi galera,**  
 Tu sou o **Vítor**. Meu nome foi escolhido pela turma 51. Tenho dois anos. Sou muito artístico, gosto de desenhar e preparar lanches gostosos com minha avó. Adoro passear na praquinha e apertar corvidas.  
 Ainda não decidi o que vou ser quando crescer, talvez escritor, sei lá, só sei que quero ser feliz, quero ter muitos amigos, e ser lembrado por todos como um cara legal!  
 Hoje, estou na sua casa para te conhecer melhor e dividir contigo meus sonhos e minhas alegrias. Adoro histórias, principalmente aquelas que contam menagens que pregam o respeito e o amor entre as pessoas.  
 Sabe de uma coisa... Nosso mundo está muito confuso, muitas pessoas perderam o sentido da vida, brigam por qualquer coisa, fazem guerras, cometem injustiças, julgam uns aos outros, muitas são racistas e preconceituosas, ou seja, não sabem o sentido da palavra igualdade. Você sabe o que é igualdade? Igualdade é quando tratamos e somos tratados da mesma forma, independente das nossas características e/ou escolhas. Aceitar as diferenças é tão simples, mas tão difícil de ver hoje em dia!  
 Veja bem, nossos corpos tem formas diferentes; nossos cabelos são diferentes; nossa cor é diferente; gostamos de coisas diferentes e assim por diante. O fato é que isso não é justificativa para que nos tratemos de forma diferente. Não é?  
 Bom, eu estou aqui para te visitar e compartilhar contigo, bons momentos e algumas experiências. Sempre eu gosto de receber carinho e a principal forma de carinho é que dá uma história para mim e registre no meu diário, como foi a experiência de cuidar de mim! (coloca a data e sua assinatura)  
 Estou louco para saber o que você pensa!  
 Se quiser, pode colocar uma foto sua comigo, ou produzir um desenho para ilustrar esse momento tão especial.  
 Obrigada por me receber com tanto carinho!  
 Abraços, Vítor.

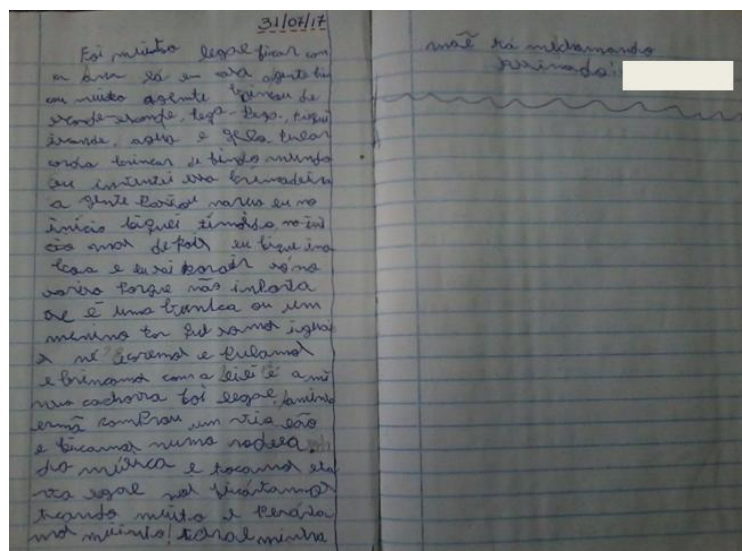
A seguir, apresento as imagens da turma 51, no dia em que o Vítor começou sua jornada visitando as casas dos estudantes que compõem a turma e da turma 52 com a Ana, também no dia em que a personagem inicia sua jornada de visitas.



As personagens já visitaram as casas de todos@s@s estudantes da sua turma e agora trocaram de turma e estão em uma nova fase de visitas. O mais curioso nesse trabalho foi a resistência de alguns meninos ao levar um (uma) boneco (a) para casa e isso ficou registrado nos diários, a angústia sofrida por convenções sociais que não tem o menor sentido de ser.

A seguir, coloco a cópia de um dos registros. Tomei a liberdade de colocar aqui porque é um texto compartilhado, no diário das personagens não há segredo! (ocultei a autoria, por questões éticas).

Acredito que essa escrita revela dois movimentos: o primeiro da resistência “menino levando uma boneca para casa?” e o



segundo a constatação: “isso não tem nada a ver com o fato de ser menino ou menina”. O preconceito é uma construção da sociedade, e é preciso lutar contra todo o tipo de segregação, somos tod@s gente! E, gente deve respeitar e ser respeitada.

Nesse ponto do relato, eu gostaria de retomar a epígrafe deste texto para dizer que é possível sonhar o nosso sonho, talvez não consigamos mudar o mundo, mas com pequenos gestos, com pequenas práticas estaremos semeando para o futuro.

Os desafios são muitos e estão postos. “Fazer algo” depende de cada um de nós, depende dos sonhos que nos movem, o meu? A IGUALDADE DE GÊNERO E RAÇA!

### **Referências:**

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*: a experiência vivida. 2ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. [trad.] Renato Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.